

O olhar da Terapia Ocupacional sobre o gênero musical brega entre os jovens pernambucanos

The Occupational Therapy perspective on the brega musical genre among young people from Pernambuco

La mirada de la Terapia Ocupacional sobre el género musical brega entre los jóvenes Pernambucanos

Recebido: 29/01/2026 | Revisado: 06/02/2026 | Aceitado: 07/02/2026 | Publicado: 08/02/2026

Júlia Guedes Feitosa Neves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0058-7983>
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
E-mail: julia.gfn@gmail.com

Flávia Pereira da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4063-7335>
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
E-mail: flavia.silva@ufpe.br

Ana Lúcia Marinho Marques

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9314-0904>
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
E-mail: ana.mmarques@ufpe.br

Sayonara Queiroz Coelho

ORCID: <http://orcid.org/ 0000-0001-5847-5269>
Centro Universitário Facol, Brasil
E-mail: sayonaraqc@gmail.com

Antonio Luan Vasconcelos de Sousa
ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8490-7221>
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
E-mail: antonioluan.vs@gmail.com

Ilka Veras Falcão

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4797-9351>
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
E-mail: ilka.falcão@ufpe.br

Resumo

A música brega é um gênero presente na cultura pernambucana e reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial do Recife. Representa identidade, expressão e resistência de grupos populares historicamente marginalizados, configurando-se como símbolo de pertencimento e afirmação cultural. A música, como elemento cultural, atravessa o cotidiano das pessoas e influencia diretamente suas ocupações, constituindo-se como espaço de lazer, socialização e vinculação. Este trabalho teve como objetivo compreender, sob o olhar da Terapia Ocupacional, as implicações do gênero musical brega nas ocupações dos jovens pernambucanos. Trata-se de uma pesquisa mista e exploratória, com dados coletados por meio de um questionário online, analisados com estatística descritiva simples e técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. Participaram 60 jovens de 18 a 24 anos. Os resultados evidenciaram que o brega está presente em diferentes ocupações, principalmente nas dimensões do lazer e da participação social, promovendo vínculos e expressão subjetiva dos participantes. Apesar do estigma ainda associado ao gênero, o mesmo se mostra como um campo simbólico de resistência e identidade, que desafia preconceitos e valoriza as produções culturais periféricas. À luz da Terapia Ocupacional, comprehende-se que o brega se entrelaça às práticas cotidianas dos jovens, fortalecendo laços comunitários e experiências de bem-estar. Conclui-se que o brega ultrapassa o entretenimento e constitui expressão legítima de cultura, identidade e resistência, devendo ser reconhecido pela Terapia Ocupacional como elemento potente na compreensão das ocupações humanas.

Palavras-chave: Terapia ocupacional; Gênero musical brega; Juventude; Ocupação humana.

Abstract

Brega music is a genre present in Pernambuco's culture and recognized as Intangible Cultural Heritage of the city of Recife. It represents identity, expression, and resistance of popular groups that have historically been marginalized, constituting a symbol of belonging and cultural affirmation. Music, as a cultural element, permeates people's daily lives and directly influences their occupations, functioning as a space for leisure, socialization, and bonding. This study aimed

to understand, from the perspective of Occupational Therapy, the implications of the brega musical genre on the occupations of young people from Pernambuco. This is a mixed-methods and exploratory study, with data collected through an online questionnaire and analyzed using simple descriptive statistics and the Collective Subject Discourse technique. Sixty young people aged 18 to 24 participated in the study. The results showed that brega music is present in different occupations, especially in the dimensions of leisure and social participation, promoting bonds and subjective expression among participants. Despite the stigma still associated with the genre, brega emerges as a symbolic field of resistance and identity, challenging prejudice and valuing peripheral cultural productions. From the perspective of Occupational Therapy, brega is understood as being intertwined with young people's everyday practices, strengthening community ties and experiences of well-being. It is concluded that brega goes beyond entertainment and constitutes a legitimate expression of culture, identity, and resistance, and should be recognized by Occupational Therapy as a powerful element in understanding human occupations.

Keywords: Occupational therapy; Brega music genre; Youth; Human occupation.

Resumen

La música brega es un género presente en la cultura pernambucana y reconocido como Patrimonio Cultural Inmaterial de la ciudad de Recife. Representa identidad, expresión y resistencia de grupos populares históricamente marginados, configurándose como un símbolo de pertenencia y afirmación cultural. La música, como elemento cultural, atraviesa la vida cotidiana de las personas e influye directamente en sus ocupaciones, constituyéndose como un espacio de ocio, socialización y vinculación. Este trabajo tuvo como objetivo comprender, desde la perspectiva de la Terapia Ocupacional, las implicaciones del género musical brega en las ocupaciones de los jóvenes pernambucanos. Se trata de una investigación mixta y exploratoria, con datos recolectados mediante un cuestionario en línea, analizados a través de estadística descriptiva simple y de la técnica del Discurso del Sujeto Colectivo. Participaron 60 jóvenes de entre 18 y 24 años. Los resultados evidenciaron que el brega está presente en diferentes ocupaciones, principalmente en las dimensiones del ocio y la participación social, promoviendo vínculos y la expresión subjetiva de los participantes. A pesar del estigma aún asociado al género, este se presenta como un campo simbólico de resistencia e identidad, que desafía prejuicios y valoriza las producciones culturales periféricas. Desde la Terapia Ocupacional, se comprende que el brega se entrelaza con las prácticas cotidianas de los jóvenes, fortaleciendo los lazos comunitarios y las experiencias de bienestar. Se concluye que el brega trasciende el entretenimiento y constituye una expresión legítima de cultura, identidad y resistencia, y debe ser reconocido por la Terapia Ocupacional como un elemento potente en la comprensión de las ocupaciones humanas.

Palabras clave: Terapia ocupacional; Género musical brega; Jóvenes; Ocupación humana.

1. Introdução

A cultura, compreendida como um elemento de construção histórica, produzida pelos seres humanos de forma consciente e inconsciente, de acordo com Santos (1987), é uma dimensão essencial entre todas as vivências em sociedade. É produto da vida humana em coletivo e dependente da realidade onde existe, para além de leis biológicas ou físicas.

Ainda segundo o autor, “nada do que é cultural pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental” (p. 47). Portanto, a cultura pode ser encarada como um elemento dinâmico, de constante transformação e inovação, fluindo de acordo com a sociedade e o sistema em que está inserida ao longo do tempo.

Encarando a cultura como uma união de práticas, conhecimentos, crenças, valores, objetos materiais ou imateriais de uma sociedade, manifestações culturais como a música, são exploradas a partir de diversas dimensões, envolvendo disciplinas que fazem uso de métodos e recursos, de acordo com suas implicações no vivenciar humano (Budaz, 2009).

Para esse autor, “a resistência a uma cultura dominante ou de referência pode ainda resultar na fragmentação em subculturas e contraculturas” (Budaz, 2009, p.46). Assim, determinados grupos, muitas vezes, usam a música como ferramenta de expressão e conexão, implicando em um papel nas redes de significados dos quais fazem parte.

No contexto local, quando se trata do cenário vivido pela população pernambucana, a música brega perdura ecoando como um gênero musical que simboliza as vozes e experiências de divergentes segmentos sociais, servindo, como afirma Budaz (2009), também como um canal para a expressão de subculturas e contraculturas, podendo se tornar um pilar de identificação, comunicação e afirmação para esses grupos.

Segundo Costa (2017), o processo de libertação do brega em relação à massificação do mercado musical nacional possibilitou que o gênero expressasse intimamente o cotidiano daqueles que o consomem e se identificam com as canções, gerando um intrínseco senso de reconhecimento e representatividade.

Consagrado, em 2021, como Patrimônio Cultural e Imaterial do Recife através da Lei Municipal Nº 18.807/2021, aprovada pela Câmara Municipal do Recife (Recife, 2021), o “Movimento Brega” não se limita ao entretenimento e lazer da população, mas como um influenciador nos processos de manutenção da identidade cultural, socialização, auto expressão e empoderamento de seu público consumidor.

Conforme descrito por Costa (2017, p.136), “o Recife é brega, pois o brega constitui o Recife”. Nesse caso, o brega não só se tornou uma parte integral da representatividade local por sua popularidade, mas também por seu simbolismo que reflete aspirações, sentimentos, vivências e impressões do povo pernambucano

Em um documentário apresentado pelo historiador Mateus Melo em 2023, o também historiador Ivan Lima salienta que “Pernambuco se insere nesse contexto da música marginalizada, que é denominada ‘cafona’, ‘menor’, ‘brega’. Não só a música, mas tudo aquilo que se faz com ela: a música, roupa...”, ressaltando a construção histórica e gradativa do brega como um conjunto de elementos culturais que abrangem e representam estilos de vida, comportamentos e até valores estéticos. A título de exemplo, a canção “PM do Amor” da banda Chama do Brega, popularizada em eventos e rádios locais por trechos marcantes como “Lá na casa da minha mulher/ Todo mundo é brega/ A cor do seu carro é brega/ A cor do seu batom é brega/ A cor do seu vestido é brega/ até o seu perfume é brega”, não apenas entretém, mas comunica fortemente elementos da identidade de uma comunidade e seus valores.

Historicamente, o vocábulo “cafona” foi utilizado antes do termo “brega” para nomear, de forma depreciativa, o grupo de cantores românticos que começaram a ganhar prestígio nos anos 60, época de grande destaque da Jovem Guarda (Araújo, 2013). Ainda segundo esse autor, no início da década de 80 o termo “brega” passou a ser utilizado, nomeando um movimento artístico considerado pela crítica como antiquado, ridículo e vulgar, atribuindo um menor valor aos artistas e ao gênero em si.

Envolto em contradições culturais, disputas de gosto, classe, gênero e raça, o gênero musical brega sempre desafiou normas clássicas de produção, abraçando o que não é reconhecido como algo de valor (Soares, 2017). O brega pernambucano pode ser destrinchado a partir de três eixos estéticos, consolidados sob a influência das performances do cantor Reginaldo Rossi, considerado o “Rei do Brega” (Soares, 2017). O primeiro eixo estético, marcado por artistas como Augusto César e Banda Labaredas, literal e figurativamente, tem um homem intenso e reflexivo como destaque, variando nas canções entre demonstrações de vulnerabilidade, sensibilidade ou sofrimento por amor e entre protagonistas sexualizados, sedutores e vorazes. Tal eixo não só reflete e reforça certas construções culturais em torno da masculinidade e das relações de gênero, como também moldam e espelham valores e expectativas sociais.

No caso do segundo eixo estético do brega descrito por Soares (2017), contemplando artistas como Banda Mancha de Batom e Banda Carícias, as mulheres passaram a preencher um significativo espaço no movimento, não só como “objetos de desejo” mas como protagonistas de emoções e histórias próprias, muitas vezes desafiando e se opondo aos “cortejos” masculinos, vistos constantemente nas canções do gênero. De modo geral, tal eixo é marcado pelo reflexo de uma realidade de dualidade e ambivaléncia, em que as mulheres ocupam distintos papéis, são tanto vítimas quanto agentes ativos em seus relacionamentos.

Ainda no documentário apresentado pelo historiador Mateus Melo em 2023, a cantora Palas Pinho, uma das principais figuras femininas que marcaram a história do brega, relatou sua experiência como um dos maiores sucessos da Banda Ovelha Negra: “Quando a música tocou a primeira vez nessa rádio comunitária, a mulherada já se identificou e começou a ter um monte de pedidos...foi uma coisa que eu fiquei impressionada”, assim, figurando o impacto de representações femininas autênticas e diversificadas dentro da música, importantes para um equilíbrio entre as representações de gênero e empoderamento.

Já no terceiro eixo estético do brega pernambucano, Soares (2017) relata uma dinâmica de fusão entre distintas influências musicais populares, explorando novas dimensões performáticas e estéticas, resultando no surgimento do subgênero “brega funk”. A partir de uma forte interação e união, especialmente, com o funk carioca, gênero esse caracterizado por batidas eletrônicas e rimas associadas a temas cotidianos e sociais, esse eixo é capaz de representar a forte capacidade de inovação e reinvenção do movimento brega, resultando em novas formas de expressão e apresentação, em que novos elementos (ritmos, danças, e letras) são incorporados e reinterpretados, portanto, a partir da união entre o brega e o funk, gêneros próprios com sonoridade, identidade e noções de pertencimento diferenciadas surgiu o brega funk (Silva Júnior, 2021; Lanna & Calais, 2020).

Nesse sentido, o brega funk é capaz de moldar e compor subjetividades diversas e ampliar o alcance das periferias, consolidando as identidades locais e podendo aspirar tensões entre as perspectivas conservadoras construídas na sociedade. Artistas como Shevchenko e Elloco, MC Reino e Rayssa Dias, muito populares entre a juventude pernambucana, exemplificam tais dinâmicas ao evidenciarem vivências que desafiam normas tradicionais, muitas vezes a partir de canções provocativas, sexualizadas e vaidosas (Silva Júnior, 2021).

Em geral, a música brega se mantém como uma constante no dia a dia dos habitantes do Norte e Nordeste do Brasil, dominando as ruas das periferias de centros urbanos e transformando os espaços sociais e a mentalidade coletiva daqueles a seu alcance (Costa, 2017). Segundo Matias (2021), no caso do brega funk, por exemplo, as atividades associadas ao subgênero, protagonizadas em maior parte pela juventude, demonstram um movimento no qual esses jovens se organizam para criar alternativas de uso proveitoso do seu tempo livre, utilizando a música e a dança.

Também é possível identificar que o brega pode ter implicações relacionadas à coesão comunitária, lazer e entretenimento, além de servir como um canal para a manifestação das aspirações e desafios enfrentados por esses jovens (Matias, 2021).

Nessa conjuntura, para melhor elucidação do papel que o gênero musical brega pode desempenhar na vida dos jovens pernambucanos, é essencial considerar a multifacetada definição de juventude e compreender suas implicações no experienciar humano. Adotando a definição estabelecida pela OMS (Organização Mundial da Saúde), o Ministério da Saúde considera a juventude como o período da vida que se estende dos 15 aos 24 anos, diferenciando adolescentes jovens, que vão dos 15 aos 19 anos, e adultos jovens, que abrangem dos 20 aos 24 anos (Brasil, 2007).

Esse período da vida, que também marca a transição entre adolescência e vida adulta, é caracterizado por uma fronteira delicada, onde devem ser considerados critérios biológicos, como o desenvolvimento cerebral, além de aspectos psicológicos e sociais (Brasil, 2007).

Segundo Fraga (2007), a juventude pode ser vista como um momento qualitativo do viver humano em que são tomadas decisões sobre o futuro e em que a definição da identidade individual e coletiva das pessoas sofrem interferências diretas. O jovem pode se identificar com distintas formas de reconhecimento, como é o caso das comunidades alternativas, das artes e da música, por exemplo.

Assim, funcionando como um aglomerado heterogêneo, a juventude pode ser dita como uma construção social, sintetizada a partir de diferentes estereótipos e referências de quem a encara, além da relevância das distintas características próprias desses grupos, como a classe social, tradição cultural e etnia (Esteves & Abramovay, 2007).

Partindo da perspectiva de que a juventude é marcada pela disputa entre bloqueios e potencial criativo (Fraga, 2007), o gênero musical brega, com sua profusa diversidade e significados culturais em Pernambuco, revela-se como um ponto privilegiado para a compreensão dos mecanismos pelos quais os jovens se envolvem em práticas culturais, por exemplo, na contribuição para a formação de coesão social, alcance de visibilidade e representatividade cultural (Matias, 2021).

Diante disso, a Terapia Ocupacional, como área de conhecimento que enfoca as ocupações, contextos e potencial de participação das pessoas, grupos e populações no que seja significativo para essas (AOTA, 2020) é possível buscar o

entendimento do brega na vida da juventude pernambucana, reconhecendo a relevância das práticas culturais na estruturação de relações sociais, no desenvolvimento do “eu” e no empoderamento de agrupamentos.

Compreendendo a representatividade da cultura sobre os diferentes modos de viver, ser e coexistir em sociedade, a Terapia Ocupacional precisa estar atenta a esses processos, bem como às formas de reprodução, às hierarquias, às divisões, às violações e às influências que permeiam as práticas culturais (Lavacca & Silva, 2023). Embora relevante, o papel da música nessas dimensões de vida parece ser ainda pouco explorado pela Terapia Ocupacional, especialmente do gênero brega.

Brunello (1991) reflete que a eficácia da Terapia Ocupacional está essencialmente relacionada à sensibilidade com as quais as diferentes dimensões culturais vivenciadas em sociedade são encaradas. Assim, entender a influência cultural é essencial, pois a cultura molda o comportamento, as preferências e as formas de expressão de quem a consome e produz, nesse sentido, pode favorecer a abordagem da Terapia Ocupacional ao público jovem.

Ao considerar o brega como expressão cultural significativa na vida de jovens pernambucanos, a visão terapêutica ocupacional pode oferecer embasamento para a compreensão do contexto e influências do gênero musical nas experiências ocupacionais, na vida desse público. Este estudo teve como objetivo compreender, sob o olhar da Terapia Ocupacional, as implicações do gênero musical brega nas ocupações dos jovens pernambucanos. Fez-se a pesquisa, caracterizando o perfil desses jovens e o significado do brega em seu cotidiano.

2. Metodologia

Realizou-se uma investigação mista: parte como pesquisa social com jovens, por meio da aplicação de questionários com utilização de estatística descritiva simples com classes de dados (por faixa etária, sexo etc.) e valores de frequência absoluta em quantidade e, frequência relativa porcentual (Risemberg, Wakin & Shitsuka, 2026) e, na parte qualitativa, num estudo que pode ser considerada também como pesquisa de campo exploratória e com análise temática do discurso (Lefevre, Lefevre & Marques, 2009; Dias & Mishima, 2023). A combinação das abordagens justifica-se quando o tratamento numérico e dos aspectos subjetivos isoladamente não abrangeiam a complexidade da temática e assim a abordagem em conjunto possibilitaria uma compreensão mais profunda e singular do que está sendo investigado (Machado, 2023).

As pesquisas exploratórias proporcionam uma primeira aproximação com o problema, cujos resultados trazem familiaridade e podem indicar o desdobramento em novas pesquisas, com maior especificidade e compreensão das variáveis do fenômeno em questão (Gil, 2008). Considerando tratar-se de um tema pouco explorado na literatura e pela Terapia Ocupacional, este delineamento se mostrou adequado para descrever as dinâmicas e os significados dos fenômenos observados no contexto em que ocorrem.

Como área de pesquisa elegeu-se Pernambuco, pelo interesse de alcançar a população jovem de diferentes regiões do estado e o brega produzido localmente. Pernambuco possui 185 municípios e uma área de 98.067 km² e estimativa de 9.539.029 habitantes (IBGE, 2024). Para o estudo foi estabelecida a população de jovens de 18 a 24 anos, residentes no Estado. Para essa delimitação considerou-se que a partir dessa faixa o jovem pode decidir por sua participação, sem a necessidade de autorização dos pais. Devido à dispersão territorial e à ausência de dados sobre o consumo do gênero musical brega, a amostra foi aleatória e não probabilística, estimada em 50 a 100 participantes no mínimo para viabilizar a análise. Por não ser representativa, a análise foi restrita ao universo dos participantes. Foram incluídos no estudo indivíduos de 18 a 24 anos, residentes em Pernambuco e que declararam identificação e contato com o gênero musical brega do Estado, enquanto foram excluídos aqueles que associaram o brega a outros gêneros populares de localidades distintas de Pernambuco.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE (CEP), sob o CAAE 85023224.5.0000.5208 e Parecer nº 7.309.586. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário online, desenvolvido na plataforma Google Forms, por ser de uso intuitivo, gratuito e permitir alcance econômico e estruturado das respostas (Oliveira, Vieira & Amaral, 2021, p.

41-42). A divulgação da pesquisa ocorreu por meio de mídias sociais, incluindo jovens identificados em eventos relacionados ao brega e comunidade universitária, criando uma rede de multiplicação para alcançar um público diversificado. O questionário foi acessado apenas por participantes que aceitaram voluntariamente responder, após leitura e concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eletrônico (TCLE), garantindo anonimato e confidencialidade das respostas.

Os dados coletados no questionário online ficaram armazenados temporariamente em nuvem durante a coleta e, posteriormente, foram transferidos e mantidos em computador pessoal protegido por senha, em endereço profissional da equipe de pesquisa.

As respostas foram exportadas para arquivos compatíveis para análise quantitativa com estatística descritiva simples, e qualitativa com a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), permitindo a identificação das Expressões-Chave (ECH), Ideias Centrais (IC) e Ancoragens (AC) que fundamentaram a construção dos discursos-síntese. Essa metodologia busca articular diferentes fragmentos de falas individuais de modo que, juntos, possa ser exposto o pensamento coletivo dos participantes (Lefevre & Lefevre, 2014) e possibilitou compreender como percepções individuais sobre um fenômeno refletem e representam construções simbólicas compartilhadas por um grupo dentro de seu contexto sociocultural (Lefevre, Lefevre & Marques, 2009).

3. Resultados

Do total de 72 respostas ao formulário, foram excluídas 12 porque os participantes não cumpriam os critérios de inclusão, como não ser de Pernambuco e não se identificar/consumir o gênero musical brega desse Estado. A população foi constituída por 60 participantes que estão caracterizados na Tabela 1.

A faixa etária média é de 21,3 anos e 70% se identifica como do sexo feminino. A maioria (51,67%) é residente em municípios da Região Metropolitana e 40% residem no Recife, que é a capital do Estado. Entre os jovens 60% afirmam apenas estudar, 5% exercem exclusivamente atividade laboral e 33,3% conciliam estudo e trabalho.

Aqueles que acumulam atividades de estudo e trabalho demonstram menor participação em eventos presenciais relacionados ao brega, como shows e festas, com 22,3% afirmando não participar desses espaços e 48,6% relatando participação apenas ocasionalmente. Nesses casos o brega aparece mais frequentemente como trilha sonora de momentos individuais – como durante o deslocamento diário, nas tarefas domésticas ou em breves pausas no cotidiano – consumido principalmente por meio de plataformas de streaming (mencionadas por mais de 90% dos participantes).

Tabela 1: Caracterização das/os jovens pernambucanos, participantes do estudo em fevereiro/2025.

CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES	N (60)	%
1. Idade		
18 a 20 anos	17	28,3
21 a 24 anos	43	71,7
Total	60	100
2. Sexo		
Feminino	42	70
Masculino	18	30
Total	60	100
3. Cidade de moradia		

Cidades da Região Metropolitana do Recife – RMR (Paulista-14; Olinda-5; Moreno-4; Jaboatão-3; Camaragibe-1; Igarassu-1)	28	46,67
Recife	25	41,67
Outro município/fora da RMR (Carpina - 2; Glória do Goitá - 1)	3	5
Não responderam	4	6,66
Total	60	100
4. Ocupação - estuda e/ou trabalha		
Estudo	36	60
Trabalho	3	5
Estudo e trabalho	20	33,3
Não responderam	1	1,7
Total	60	100

Fonte: Elaborado pelos Autores.

A relação dos participantes com a música brega pernambucana é variada. Entre os artistas e bandas preferidos do brega pernambucano foram citados 65 nomes. Os mais mencionados são artistas consagrados, com destaque para representantes do primeiro eixo estético do brega: Conde - Só Brega (14 menções), Reginaldo Rossi (10 menções), do segundo: Priscila Senna (39 menções), Raphaela Santos (37 menções), do terceiro: Anderson Neiff, e dentre outros representantes do brega atual ao romântico mais antigo e artistas de brega funk.

A preferência por ouvir brega varia entre sozinho(a) (6,7%), em grupo (38,3%) e ambos (55%). A frequência de escuta é também variada com a maioria ouvindo algumas vezes por semana (41,7%), algumas vezes por mês (25%), raramente (16,7%) e todos os dias (16,7%). A forma preferida de acesso inclui majoritariamente as plataformas de streaming como Spotify e YouTube (76,7%), seguido de festas (66,7%) e shows ao vivo (40%) e outros meios como rádio, bares, lanchonetes, restaurantes e encontros de fãs.

A participação em eventos relacionados ao brega varia de ocasionalmente para 63,3% dos jovens, frequentemente para outros (8,3%), raramente ou nunca para uma parcela que gostaria, mas não teve oportunidade (6,7%) ou que não participam (23,3%). Entre os que participam, os tipos de eventos mais frequentes incluem festas com amigos/família (40 respostas), shows ao vivo (25 respostas), baladas ou eventos organizados (18 respostas) e uma resposta para a participação em blocos de carnaval.

Já os jovens que apenas estudam relatam maior presença em contextos coletivos de vivência do brega. Cerca de 76% afirmaram escutar o gênero em festas ou encontros com amigos e familiares, e 61% frequentam shows e eventos culturais em que o brega está presente. Portanto, nesses contextos o brega pode se configurar como um gênero que atravessa cenários de ocupação ativa, performativa e relacional — envolve dança, canto, moda, socialização e até organização de eventos.

Quando perguntados se a música brega faz parte do seu lazer, a maioria dos participantes respondeu afirmativamente e apenas dois participantes responderam negativamente. As respostas foram agrupadas em ideias centrais (IC) e ilustradas por discursos do sujeito coletivo (DSC), conforme apresentado no Quadro 1. Os participantes destacam o espaço do brega em seu tempo livre e como mediação em momentos familiares e com amigos. Entre as motivações para o brega ser parte do lazer, também destaca-se a presença do gênero musical em ideias centrais voltadas à realização de ocupações cotidianas, como em atividades físicas e de gerenciamento do lar (DSC 3).

Quadro 1: Como a música brega pernambucana faz parte do lazer das(os) jovens entrevistadas(os), fevereiro/2025.

IC 1	DSC 1
Lazer e Tempo livre	[...] gênero que gosto de ouvir para me divertir [...] momento muito descontraído, quando decido ouvir alguma playlist específica de brega [...] em festas funciona muito [...]
IC 2	DSC 2
Momentos individuais e coletivos	[...](escuto) até mesmo sozinho [...] momentos que vão da diversão à solidão [...] as pessoas gostam de curtir isso juntos [...] momentos com amigos e família [...] nos eventos que eu participo seja em família ou com amigos [...] fez e faz parte de muitos encontros com meus amigos e família [...] karaokês com minha família [...] no ensino médio, o brega funk foi uma febre, todo mundo sabia dançar e escutavam todas as músicas. Isso movia as turmas inteiras, durante as festas da escola.
IC 3	DSC 3
Lazer dentre ocupações cotidianas	[...] ouço no treino ou em praias [...] no transporte público no caminho para a faculdade ou na volta para casa [...] principalmente quando fui estudante de escola pública.

Fonte: Elaborado pelos Autores.

Quando questionados se a música brega é uma forma de participação social, a maioria (56) respondeu positivamente, abordando principalmente os atos de dançar e cantar junto a outras pessoas, bem como o brega ser fonte de criação de laços e fortalecimento de vínculos, como um símbolo de união popular, por estar sempre presente nos momentos de celebração do seu bairro e como expressão da cultura periférica, valorizando o gênero musical como resistência e afirmação da identidade local (Quadro 2). Outra ideia central traz a música brega como símbolo cultural do Estado ou destaca mais singulares como sentimentos intensos de saudade e paixão, em uma “linguagem emocional” que facilita conexões empáticas com outras pessoas.

Quadro 2: Repercussões do consumo da música brega pernambucana nas vivências dos(os) jovens entrevistadas(os), fevereiro/2025

IC 4	DSC 4
Laços e conexões	[...] excelente “quebra-gelo” em atividades sociais [...] momentos de família, onde unem todos os gostos em um só [...] em família ou com amigos e cantar as músicas brega me faz criar laços e conexões pelo simples fato de todos estarem cantando juntos e felizes [...] me vincula mais aos meus amigos e me permite fazer novas amizades [...] forma legal de passar o tempo com eles e interagir [...] fortalece vínculos [...] bom para dançar, fazer amizades [...] uma das maneiras de socialização é a dança que frequentemente conecta pessoas [...] o brega como assunto em comum, facilita a interação. [...] a identificação musical é uma maneira muito legal de formar um vínculo, mesmo que temporário.
IC 5	DSC 5
União e celebração	[...] meus familiares gostam bastante do gênero e eu consigo socializar com eles até [...] em família ou em festas, as pessoas ficam mais unidas para dançar [...] as pessoas se unem mesmo sem se conhecerem [...] une as pessoas da região [...] com amigos, aniversários cantar ou dançar um brega, juntinhos faz toda a diferença, aproxima a todos.
IC 6	DSC 6
Cultura periférica	[...] vejo o brega como um reflexo da cultura ao meu redor, que consegue ir além de um simples gênero musical e influência formas de pensar, vestir, comunicar...viver [...] tá muito relacionado com o dia a dia de onde eu moro, porque muitas vezes o vizinho coloca um brega pra tocar pela manhã e quando você sai à noite vê os bares tocando [...] capacidade de nos juntar com iguais [...] identificação de grupos específicos que curtem tal movimento [...] toca um brega você já reconhece na hora quem gosta e quem não gosta, aí você já sabe quem tem um gosto parecido.

IC 7	DSC 7
Fator identitário	<i>Trata-se de um fator identitário [...] formação de identidade e socialização [...] interagimos com outras pessoas e através do outro nos constituímos como pessoas [...] reafirmar raízes, para facilitar a interação de pares [...] contato com as pessoas da minha idade [...]</i>
IC 8	DSC 8
Pertencimento cultural	<i>Pelo pertencimento [...] o brega é uma forma de expressar uma cultura e essas formas de expressão aproximam as pessoas [...] Em Recife o brega é cultural [...] Estamos no Recife, encontrar e conviver com pessoas que escuta e gosta desse estilo musical massa é bom demais [...] é algo muito característico do nosso estado e fez parte do meu cotidiano [...] momentos de identificação e/ou debate entre pernambucanos [...] o estilo é bem popular, principalmente no Norte e Nordeste do Brasil</i>
IC 9	DSC9
Sentimentos e emoções	<i>A música brega é aquela mais “melosa” que geralmente fala de amores complicados, corações partidos, traições e essas coisas bem sentimentais [...] Tenho um sentimento de nostalgia muito grande relacionado a muitas músicas [...] transporta a mente a lembranças boas e nostálgicas [...] melhora muito meu humor pelo resto do dia, não tem como ficar triste ouvindo [...] como forma de autorregulação, por vezes [...] um tipo de linguagem emocional que facilita as conexões [...] a emoção que as músicas passam, as letras, independente dos sentidos delas, geram interligação.</i>

Fonte: Elaborado pelos Autores.

Quando questionados se o brega pode contribuir para participação em suas atividades sociais, os participantes abordaram principalmente aspectos já contidos em outras respostas como o estímulo a interações e formação de vínculos (18 menções), a maior descontração (11 menções), a sensação de pertencimento e identificação com o gênero musical (9 menções). Como ideias centrais, se destacam o engajamento com diferentes grupos e o envolvimento com questões sociais e políticas (Quadro 3).

Algumas respostas trazem elementos singulares ao mencionar que “(...) muitas vezes, o simples fato de saber que todo mundo ali conhece uma música brega ou curte algum hit antigo já cria uma conexão instantânea, porque as pessoas se sentem à vontade para cantar, dançar ou até fazer piada sobre a letra” (participante 6). Outro relato destacou o potencial do brega pois “influencia formas de pensar, vestir, comunicar...viver, ‘um imaginário coletivo’ do povo pernambucano, algo que conecta gerações e expressa sentimentos universais de uma forma acessível” (participante 42).

Quadro 3: Envolvimentos consequentes do consumo da música brega na participação social das(os) jovens entrevistadas(os), fevereiro/2025.

IC 10	DSC 10
Engajamento em diferentes grupos	<i>[...] algo que as pessoas do meu meio conhecem bastante, tanto quanto eu, isso ajuda em qualquer atividade social [...] tudo isso feito junto a amigos, familiares, vizinhança e demais pessoas presentes na minha realidade, aumenta minha participação em atividades sociais [...] me aproxima de amigos que curtem a mesma musicalidade</i>
IC 11	DSC 11
Envolvimento com questões sociais/políticas	<i>O brega consegue unir pessoas de diferentes classes sociais através do ritmo, da memória afetiva, do ambiente [...] existem alguns conflitos sociais e culturais envolvidos, mas que serão vencidos pelas próximas gerações, duvido que alguém pare o brega [...] serve como fonte de renda [...] realizar algumas ações sociais através dele, principalmente nas comunidades mais carentes</i>

Fonte: Elaborado pelos Autores.

Por outro lado, quando perguntados se o brega pode dificultar a participação em suas atividades sociais, a maioria dos participantes afirmou que não percebe dificuldades relacionadas ao gênero (38 menções). No entanto, entre os participantes que

apontaram possíveis obstáculos como o “conteúdo das músicas do Brega funk, de incitar a violência e usar termos pejorativos” (participante 56); a linguagem considerada inapropriada em algumas músicas pode trazer dificuldades de participação, como exemplificado: “Por ter linguagem explícita não é em todos os ambientes e nem com os mesmos grupos que você pode ouvir, então pode acabar causando constrangimento em algum momento” (participante 53). Entre esses participantes que apontaram possíveis obstáculos a participação, foi especialmente marcante as ideias relativas ao estigma, estereótipos ou preconceitos atrelados à música brega em si e também a quem se identifica/consume o gênero musical, limitando as experiências de participação social, como destacado no Quadro 4.

Quadro 4: Dificuldades apontadas quanto à participação social das(os) jovens entrevistadas(os) relacionadas à música brega, fevereiro/2025.

IC 12	DSC 12
Estigma/preconceito relacionado a música brega	<p><i>A informalidade do brega não é adequada para uma gama de cenários [...] muitas pessoas acham esse estilo musical inapropriado [...] estigmatizado [...] carrega um estigma social forte [...] olhar vulgar direcionado ao gênero musical [...] ainda é muito “criminalizado” por pessoas que não consomem [...] estígmas sociais relacionados, opiniões estereotipadas e preconceituosas [...] por ser um ritmo de periferia, algumas pessoas enxergam o brega de uma forma pejorativa, como sendo “coisa de pobre” [...] rejeição ou desprezo por esse gênero musical, as vezes dando a entender que outros tipos de música são “superiores” a ele, como também associam eventos de brega como shows a coisas ruins de forma pejorativa [...] associam eventos de brega como shows a coisas ruins de forma pejorativa, como um ambiente onde acontecem assaltos, agressões, consumo e venda de drogas consideradas ilícitas..</i></p>
IC 13	DSC 13
Limitação à participação social	<p><i>[...] existe certo estigma ligado ao gênero musical brega e às pessoas que o consomem, [...] vista como “cafona” ou exagerada, pode dificultar a participação em atividades sociais dependendo do contexto e das pessoas envolvidas [...] pode limitar nossos acessos à lugares e experiências [...] por achar que brega se resume a pessoas “erradas” [...] não me conectando com o público mais velho, que costuma ser mais conservador [...] peso muito grande, um olhar de inferioridade de quem não gosta, para quem gosta [...] se eu estiver entre desconhecidos e falar que gosto de tal cantor ou tal música pode ser que eu seja julgada [...] não é em todos os ambientes e nem com os mesmos grupos que você pode ouvir [...] pode ser difícil engatar uma conversa ou se entrosar [...] muitas pessoas julgam as letras, as vestimentas das pessoas, tanto que escutam, quanto os próprios cantores e isso acaba trazendo uma certa exclusão [...]</i></p>

Fonte: Elaborado pelos Autores.

Quando questionados sobre seu envolvimento com atividades relacionadas ao brega, a grande maioria dos participantes (91,7%) afirmou não participar de outras atividades associadas ao gênero. Entre as poucas pessoas que se envolveram, a maioria indicou a dança como principal forma de participação, seja por meio de aulas específicas, danças casuais ou festas em que o ritmo é predominante.

Algumas respostas destacaram interesses particulares, como o apreço pela produção musical do brega funk, reconhecendo a complexidade e diversidade dos elementos sonoros do gênero. Também houve relatos de participação em eventos temáticos, como festas de Halloween, que incorporaram o ritmo brega em sua programação, evidenciando formas pontuais e sociais de contato com o gênero.

Por fim, quando questionados se gostariam de acrescentar mais alguma informação sobre a relação entre o brega e suas vidas cotidianas, a maioria dos participantes não apresentou novos comentários. Contudo, entre aqueles que decidiram contribuir com mais detalhes, destacaram-se relatos que enfatizam a música brega como fonte de memória, nostalgia e construção de identidade cultural, envolvimento social e diversão, resistência. Alguns participantes reforçaram a presença constante do gênero musical em seu cotidiano, seja como trilha sonora familiar, em encontros sociais, ou como expressão cultural significativa que conecta gerações e reflete a vivência local.

4. Discussão

A caracterização dos participantes revelou que a maioria era composta por mulheres jovens, principalmente estudantes, residentes em Recife e na Região Metropolitana, perfil que acompanha tendências nacionais apontadas pelo Censo 2022, como a predominância urbana (87% da população), maior presença feminina (51,5%) e aumento da escolarização, com 18,4% da população com nível superior completo (IBGE, 2022).

Nesse contexto, a predominância feminina entre os participantes parece refletir também as artistas mais mencionadas pelos jovens, como Priscila Senna (39 menções) e Raphaela Santos (37 menções), indicando que o interesse e a identificação com essas cantoras podem representar a presença ativa das mulheres na cena do brega pernambucano, seja na organização de redes de lazer, seja na visibilidade e protagonismo cultural.

Essa correlação retoma os eixos estéticos do gênero apresentados (Soares, 2017), os quais estruturam a diversidade de representações de gênero e a inovação performática do brega, incluindo o eixo protagonizado por mulheres. Assim, a identificação das participantes com as artistas evidencia não apenas uma preferência musical, mas também o engajamento em práticas culturais que reforçam pertencimento, identidade e envolvimento social.

A maior parte dos participantes declarou-se estudante, seguida daqueles que conciliam estudo e trabalho, padrão que se alinha a dados nacionais sobre a juventude brasileira. Segundo o IBGE (2022), aproximadamente 15,7% dos jovens entre 15 e 29 anos estudavam e trabalhavam simultaneamente, o que corresponde a quase 8 milhões de pessoas. Além disso, 39,4% estavam apenas trabalhando e 25,5% apenas estudando. Esses dados reforçam que, para grande parte dos jovens, o estudo constitui uma ocupação central no cotidiano, muitas vezes conciliada com outras responsabilidades, delineando práticas e rotinas típicas dessa faixa etária.

Para alguns a associação com responsabilidades laborais, parece interferir diretamente na forma como esses jovens se relacionam com o lazer, por exemplo. Nesse estudo entre os que acumulam estudo e trabalho, o brega aparece mais associado a momentos individuais, consumido via plataformas digitais, enquanto entre aqueles que apenas estudam, houve maior frequência em shows, festas e encontros coletivos, apontando como a disponibilidade de tempo pode ser um fator determinante para a vivência do brega em espaços presenciais.

Essa configuração do cotidiano pode ser compreendida à luz da Terapia Ocupacional, que reconhece que a participação ocorre quando os/as clientes estão ativamente envolvidos na realização de ocupações significativas, considerando suas escolhas, motivações e o significado das atividades (AOTA, 2020), de modo que a criação ou facilitação de oportunidades de envolvimento é capaz de favorecer a participação em situações desejadas.

O território também se mostrou relevante e 40% dos participantes residem em Recife e 51,6% em municípios da Região Metropolitana, áreas onde o brega é fortemente presente no espaço urbano, seja em bares, praças, transportes públicos ou eventos culturais. A proximidade geográfica com os principais polos de produção e circulação do gênero musical favorece a participação em práticas relacionadas ao mesmo, reforçando o vínculo entre território, identidade e cultura. Embora originalmente associado às periferias do Recife, o brega se expandiu e se popularizou, alcançando também outras classes econômicas e ocupando diferentes espaços, transformando as relações sociais e a percepção de identidade local (Costa, 2017).

O lazer como a realização de alguma atividade de livre escolha, sem ligação com obrigações laborais, sociais e familiares, realizado em determinado período de tempo (Almeida, 2021), varia com às condições culturais dos sujeitos em seus territórios. Além de ser reconhecido como um direito social transformador, capaz de levar dignidade e qualidade de vida (Nunes, Siqueira & Gonçalves 2019), o lazer se manifesta de modo diverso a depender, por exemplo, dos aspectos financeiros e territoriais em que os sujeitos estão inseridos, assumindo significados próprios em cada contexto.

Nos resultados deste estudo, os jovens evidenciaram que o brega pode ocupar esse espaço de lazer ao ser associado ao tempo livre e às experiências de descontração, diversão e relaxamento (DSC 1). O gênero musical foi descrito como recurso para

aliviar tensões, reavivar memórias e proporcionar momentos de distração entre compromissos, como revelam as ideias e discursos do Quadro 1.

Essas perspectivas reforçam que é sobretudo no tempo livre que a juventude constrói normas, ritos e símbolos culturais próprios (Campos, Couto, Barros & Rezende, 2021), atribuindo ao brega significados que ultrapassam a diversão imediata e se tornam parte dos modos de ser, de sentir e de se envolver.

Embora caracterizado por possibilitar realização pessoal, já que depende de interesses e escolhas individuais (Peruzzo, Pfeifer & Martinez, 2025), o lazer pode abranger não apenas a dimensão pessoal, mas também a dimensão coletiva, relacionada à sociabilidade e ao fortalecimento de vínculos. As atividades culturais, como aquelas que envolvem o gênero musical brega, nesse sentido, podem favorecer o protagonismo de sujeitos e coletivos enquanto mediadores e atores da sociedade (Silvestrini, Silva & Prado, 2019).

Essa duplicidade é particularmente evidente na vivência musical da juventude, em que a escuta individualizada se combina com a partilha em contextos coletivos como festas ou encontros familiares (DSC 2). Nos resultados desta pesquisa, os jovens relataram que o brega se faz presente tanto em momentos solitários quanto em situações de convivência social, funcionando como recurso de companhia, diversão e integração.

As ideias presentes no DSC 2 evidenciam que o lazer mediado pela música brega representa uma experiência relacional capaz de aproximar gerações, fortalecer vínculos comunitários e, simultaneamente, favorecer o bem-estar pessoal e a individualidade dos participantes. Além disso, indicam que gêneros musicais como o brega viabilizam vivências no cotidiano, consolidando-se como ocupações significativas que integram bem-estar, cultura e inclusão. Para a Terapia Ocupacional, reconhecer essas dimensões é essencial, pois permite compreender de modo mais amplo como o lazer e a cultura se articulam à saúde e à vida comunitária.

A partir das informações exploradas, entende-se que o lazer constitui uma das ocupações cotidianas, configurando-se como um importante pilar dentre as práticas que favorecem o equilíbrio ocupacional dos indivíduos. Segundo a American Occupational Therapy Association (AOTA, 2020), as ocupações podem ser explicadas como atividades personalizadas do cotidiano realizadas pelos indivíduos em diferentes contextos, incluindo trabalho, autocuidado, estudo e também o próprio lazer, essencial para o bem-estar e a saúde, podendo abranger a execução de múltiplas atividades complementares.

Além de perpassar a organização do cotidiano e a prática das demais ocupações que envolvem o mesmo, o lazer pode funcionar como uma ferramenta de integração, articulando tarefas rotineiras com experiências significativas que conferem prazer, motivação e sentido no dia a dia. Os resultados desta pesquisa apontaram que o lazer, por meio do brega, pode protagonizar um contraponto às exigências acadêmicas e laborais que são contempladas no cotidiano da juventude.

Alguns dos participantes relataram inserir a escuta do gênero em diferentes momentos de sua rotina, como durante atividades físicas, mobilidade urbana, no cuidado com obrigações domésticas ou até mesmo ao praticar o autocuidado (DSC 3). Nessas situações, o gênero musical funciona como companhia e recurso de descontração no meio das atividades de vida diária, sejam elas básicas ou instrumentais, revelando sua presença no cotidiano.

Dessa forma, a IC3 evidencia que o lazer, especialmente quando vinculado a práticas culturais locais com o brega, não deve ser compreendido de forma isolada, mas sim inserido em um cotidiano permeado por demandas, escolhas e significados. Ele atua não apenas como espaço de expressão subjetiva, mas também como mediador das relações sociais, permitindo que os jovens transitem entre diferentes papéis ocupacionais.

De acordo com a AOTA (2020), o lazer como uma atividade realizada no tempo livre, sem caráter obrigatório e, ao reconhecê-lo como uma ocupação cotidiana significativa, a Terapia Ocupacional amplia seu campo de estudo e intervenção, valorizando práticas que estruturam e fortalecem as vivências dos indivíduos, ao mesmo tempo em que promovem saúde, bem-estar e engajamento social.

A participação social pode ser explicada como um conceito que envolve processos individuais, grupais e coletividades relacionados à interação social no âmbito familiar, com amigos e na comunidade, abarcando o engajamento em contextos como escola e lazer e podendo também compreender dimensões políticas vinculadas ao acesso à cidadania e também direitos (Silva & Oliver, 2024). Nesse sentido, a participação social é reconhecida como um dos domínios da ocupação, inserida no objetivo central da Terapia Ocupacional, que é compreender e promover o engajamento em ocupações significativas capazes de favorecer a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida.

Os dados coletados mostram que, para 93,3% dos jovens, o brega enquanto gênero musical também é uma forma de participação social. As narrativas dos participantes indicam que escutar, dançar ou cantar esse gênero musical facilita interações entre pares, promovendo, por exemplo, um ponto de conexão entre sujeitos que compartilham vivências similares. Esse entendimento dialoga com a análise de Fontanella (2005), que destaca que o brega circula em diversos espaços coletivos como rádios populares, bares, festas e shows, podendo ser interpretado como um elemento cultural que reúne pessoas e reforça laços sociais.

Além disso, mesmo quando associado à dança, por exemplo, esses aspectos aparecem como extensões da dimensão social do gênero, ampliando sua capacidade de gerar pertencimento e interação. Assim, o brega se apresenta como um espaço simbólico de expressão coletiva, no qual emergem momentos de celebração, união e reconhecimento mútuo, reafirmando sua potência como prática cultural que articula sociabilidade e emoções (DSC 4 e DSC 5), como pode ser destacado por uma das participantes: "...Além de abrir espaço para interações divertidas entre amigos, a música brega possibilita novos contatos, novos assuntos, amizades, momentos de identificação e/ou debate entre pernambucanos acerca desse ritmo que é tão nosso e rico" (Participante 30).

Tais compreensões reforçam o caráter coletivo ao reunir diferentes sujeitos em torno de uma experiência que envolve a estética e emoções compartilhadas, fortalece laços e reafirma o pertencer. Portanto, o brega, ao longo do tempo, vem se consolidando como um fenômeno cultural resistente e fortemente presente, ganhando novos significados entre os grupos que dele participam. Mais do que um estilo musical, o gênero passa a representar vivências e identidades coletivas, expressando modos de ser e de estar no mundo que se entrelaçam às experiências cotidianas de seus ouvintes, que não apenas se identificam com as canções, mas entre si.

Assim, conforme apontado por Costa (2017), o brega expande-se para além da figura dos "músicos cafonas" de outrora e incorpora práticas sociais e culturais de grupos que se conhecem e reconhecem intimamente em suas letras e melodias, fatores esses que se manifestam na forma de se interagir, celebrar e se encontrar que o gênero continua a inspirar.

Diante da compreensão de Setton (2002), entende-se que as interações produzidas nesses contextos não são estáticas, mas sim fenômenos históricos e complexos, que se estruturam de acordo com os recursos, visibilidades e posições ocupadas pelos sujeitos e grupos envolvidos. Assim, o brega enquanto prática cultural e relacional, reflete e ressignifica essas dinâmicas, tornando-se um campo fértil de trocas simbólicas, aprendizagens e pertencimento coletivos dos jovens, que se transformam no tempo e no espaço.

Os dados desta pesquisa também indicam o brega como elemento presente em espaços como festas, bares, shows, encontros familiares ou de amigos, resultado esse que se aproxima dos achados de Lanna e Calais (2020), em que as autoras afirmam que os jovens estabelecem relações em diferentes contextos, partes do território e uso que fazem dos espaços. Por exemplo, no bairro/local em que residem, locais voltados para o entretenimento da cidade e em distintos grupos sociais e de amigos que integram.

De forma complementar, Souza (2004) observa também que esses ambientes se constituem como cenários privilegiados de expressão festiva e de encontro, nos quais os jovens buscam ver e serem vistos, socializar-se, afirmar pertencimentos e diferenças, revelando-se enquanto sujeitos sociais complexos e atravessados por contradições. As festas em família, reuniões

com amigos, shows que servem como ponto de encontro entre a juventude e demais cenários de expressão e compartilhamento ligados ao gênero configuram territórios de sociabilidade, onde se constroem redes de apoio e entrelaçamento.

Segundo Costa (2017) essa mobilização em torno da música, seja motivada por interesses econômicos, profissionais, artísticos ou desejo de descanso, contribui para transformar a dinâmica social e cultural dos espaços urbanos. Ainda para o autor, os sujeitos reciprocamente se moldam a partir desses encontros e práticas, em que a cultura é capaz de se transmitir e renovar. Portanto, nesses contextos, a música atua como linguagem comum que além de conectar pessoas, dá certo sentido ao cotidiano e ocupações coletivas, reafirmando o papel do brega como mediador de experiências compartilhadas.

O conteúdo analisado nesta pesquisa também permite reconhecer que o brega, em sua vertente pernambucana, constitui-se como um importante marcador da cultura periférica, revelando modos de viver, criar e resistir que emergem das margens urbanas e se projetam para além delas. Nesse contexto, o gênero musical se consolida como expressão legítima de identidades coletivas que, historicamente, estiveram associadas a espaços de menor visibilidade social.

Conforme Costa (2017), a música brega dá voz à periferia, traduzindo experiências de sujeitos e comunidades que, por muito tempo, foram desvalorizadas e associadas a um imaginário de inferioridade cultural. Assim, o brega se afirma como uma linguagem capaz de inverter hierarquias simbólicas, ressignificando o valor dos espaços e das práticas culturais periféricas (DSC 6).

Nessa conjuntura, o próprio processo de popularização do brega no Recife serve como evidência para se observar o deslocamento dessas expressões para novos territórios, ultrapassando as fronteiras geográficas da periferia. O que antes acabava por ser restrito a contextos periféricos, hoje se difunde e ocupa a cidade como um todo, os espaços digitais, as redes sociais e as festas de diferentes classes sociais, modificando as relações identitárias da juventude e a forma como o lazer e a cultura se manifestam nos ambientes urbanos (Andrade, 2023; Costa, 2017).

Essa expansão é capaz de reforçar o papel da periferia como polo criativo e transformador, que reorganiza o cenário cultural da cidade e amplia o alcance de suas produções. O brega, portanto, não é apenas ouvido pela juventude, mas também encontrado, vivido e compartilhado em territórios que expressam pertencimento e potência coletiva.

Além disso, as práticas que se estruturam em torno desse gênero musical revelam a capacidade da juventude periférica de reinventar seus modos de ocupar o tempo livre e de se apropriar dos espaços urbanos antes dificilmente alcançados. Como discute Matias (2021), atividades como as “batalhas” e os encontros de dança configuram importantes formas de lazer e representatividade dessa cultura periférica, especialmente em contextos onde as oportunidades de entretenimento podem ser mais escassas do que em outros.

Nesses espaços, jovens encontram no brega e, principalmente, no brega funk não apenas diversão, mas também uma forma de expressão e protagonismo. Os conteúdos produzidos e divulgados nas redes sociais e até produções independentes ilustram um movimento de fortalecimento cultural e simbólico, no qual a arte se torna ferramenta de reconhecimento e transformação social.

No presente estudo os discursos apontam o brega como um gênero que ultrapassa o campo musical e acaba por protagonizar o papel de um importante elemento de expressão identitária entre os jovens pernambucanos. Os estilos musicais funcionam como uma espécie de marcadores da cultura juvenil, permitindo que os sujeitos expressem pertencimentos e sentidos de identidade por meio da linguagem corporal, do vestuário e das práticas cotidianas, portanto, é possível perceber que o envolvimento com o gênero não se restringe à escuta, mas se expande compondo um repertório estético e comportamental compartilhado (Oliveira, 2015; Souza, 2004). O brega se configura como um campo de produção simbólica no qual os jovens se reconhecem e se fazem reconhecer.

Ao se apropriar do gênero, eles constroem identidades coletivas e reafirmam vínculos territoriais e culturais. Soares (2017) ressalta que o brega provoca um deslocamento estético importante ao tensionar normas e padrões musicais convencionais,

assumindo um caráter autêntico e popular que expressa outras formas de produzir cultura e consequentemente pertencer. Em seu viés de mobilização de sons, corpos e até afetos, o brega possibilita aos sujeitos serem espectadores e ouvintes de sua própria realidade em forma de música, funcionando como fator identitário com o gênero e com outras pessoas (DSC 7) para aqueles que muitas vezes estão justamente no processo de construção dessa identidade.

Nesse mesmo sentido, conforme evidenciado na IC 8, o pertencimento cultural se entrelaça com o fator identitário e expressa-se como um elemento que ultrapassa o simples gosto musical e, ao se reconhecerem no brega, os jovens reafirmam seus vínculos com o espaço, com as experiências compartilhadas e com a própria história social de seu território (Lanna & Calais, 2020). Esse sentimento de pertencimento emerge justamente de vivências que envolvem o corpo, a dança, a linguagem, o território e o cotidiano, e que constroem modos próprios de estar no mundo. As falas dos participantes revelam que, ao escutar e vivenciar o brega, sentem-se representados, acolhidos e parte de algo coletivo, um espaço simbólico em que suas identidades são reconhecidas (DSC 8).

Os dados relacionados à IC 9 revelam que o brega pode ocupar um papel central na expressão dos afetos e na elaboração emocional das experiências cotidianas dos jovens. Alguns indicam que, ao ouvir o gênero, vivenciam emoções que vão da alegria e descontração à nostalgia e melancolia, encontrando na música um espaço para ressignificar sentimentos e partilhar vivências. O brega, nesse sentido, atua como um mediador afetivo que possibilita ao sujeito entrar em contato com sua própria sensibilidade e com a dos outros, favorecendo o reconhecimento de emoções e a criação de vínculos.

A relação entre música e emoção é, como apontam Andrade e Mendonça (2025), uma experiência universal que atravessa culturas e contextos. Frequentemente diferentes indivíduos associam determinados gêneros musicais a estados emocionais específicos, como alegria, tristeza ou nostalgia, o que explica o forte vínculo afetivo entre os jovens e o brega. Segundo os autores, uma canção pode despertar diferentes emoções em pessoas distintas e essas repercuções estão profundamente relacionadas às vivências pessoais e socioculturais de cada ouvinte.

Assim, mesmo quando a letra não é completamente compreendida, a melodia pode mobilizar sentimentos intensos, revelando que a conexão emocional se manifesta para além do entendimento racional da canção. Nesse contexto, o brega torna-se um espaço simbólico no qual memórias, afetos e experiências coletivas são revisitadas, articulando emoção e identidade de modo singular entre os jovens pernambucanos.

Sob essa interpretação, as emoções e os sentimentos são partes indissociáveis da atividade humana e estão diretamente implicados na maneira como cada sujeito atribui significado à música (Andrade & Mendonça, 2025, Wazlawick, 2006). Como visto anteriormente, a experiência musical não se limita à escuta, mas envolve também o agir, o pensar e o sentir, permitindo que o indivíduo exteriorize sua subjetividade e ressignifique suas vivências a partir do som e movimentos.

No caso do brega, por exemplo, essa relação se torna clara quando os jovens, ao consumirem determinadas canções, reconhecem nelas fragmentos de suas próprias histórias, traduzindo emoções em gestos, movimentos e narrativas cotidianas, assim, a música se torna um meio de construção de sentido e de expressão emocional, no qual o sentir e o viver se entrelaçam, revelando a potência da cultura como ferramenta que “traz à luz” experiências humanas de forma singular e sensível.

Quanto aos resultados analisados que compõem a IC 10, os mesmos revelam, como já antes visto, que o brega se configura como um potente mediador de engajamento coletivo. As narrativas dos jovens participantes deste estudo indicam que o gênero musical atua como elo de pertencimento e interação entre pessoas que compartilham vivências, valores e formas semelhantes de expressão, viabilizando o engajamento em diferentes grupos.

Essa possibilidade de envolvimento diversificado emerge como uma das principais formas de entrelaçamento entre o gênero musical e as ocupações humanas que perpassam as vivências da juventude, evidenciando como a música contribui para fortalecer vínculos, ampliar redes de convivência e consolidar papéis e perfis ocupacionais.

Conforme definido pela AOTA (2020), um grupo é um conjunto de pessoas com características ou propósitos partilhados, que interagem em torno de objetivos comuns, podendo construir, a partir dessas relações, significados e práticas coletivas. Nesse sentido, os grupos que se formam em torno do brega, sejam eles formais (como equipes de produção cultural e dançarinos) ou informais, (como amigos que se reúnem para ouvir música) representam espaços de engajamento social e de criação cultural.

Ao analisar as questões sociais e políticas (DSC 11) fica evidente que alguns dos jovens participantes desta pesquisa reconhecem o brega como um instrumento de expressão e resistência. Por meio desse gênero musical, muitos manifestam suas percepções sobre desigualdade, preconceito e pertencimento, inserindo-se ativamente nas discussões que atravessam suas realidades cotidianas.

É importante considerar que a juventude é composta por uma diversidade de sujeitos que, mesmo compartilhando características comuns, apresentam particularidades que os diferenciam entre si e de indivíduos de outras faixas etárias (Trindade, 2023), o que explica a pluralidade de formas de engajamento observadas. As letras, os ritmos e as danças não se restringem à dimensão estética, mas se configuram como formas de participação política e social, comunicando e reivindicando visibilidade para grupos historicamente marginalizados, mesmo quando o gênero é consumido em cenários privilegiados que antes não eram alcançados e hoje são.

Sob essa perspectiva, o brega pode ser compreendido como uma ferramenta que atua pedagogicamente na formação dos sujeitos e na ampliação do debate sobre as identidades contemporâneas. As produções culturais, especialmente as midiáticas, exercem influência na constituição das representações de gênero e de comportamento, ao mesmo tempo em que revelam e questionam normas sociais.

Nesse sentido, as músicas do brega funk, funcionam como artefatos pedagógicos que expõem e problematizam construções culturais, permitindo que jovens reflitam sobre os modos de ser e estar no mundo. Assim, o envolvimento com esse gênero adentra o posicionamento crítico e político, demonstrando como a cultura pode se converter em espaço de resistência e de produção de sentidos (Silva Júnior, 2021; Oliveira, 2015).

Além disso, é importante destacar que o brega, ao emergir das periferias e comunidades recifenses, carrega em si o peso das desigualdades sociais e o vigor das formas de enfrentamento a elas, como presente na fala de uma participante “*O brega pode ser utilizado como uma maneira de relatar uma crítica social.*” (Participante 17). Mesmo diante de tentativas históricas de marginalização e estigmatização, o gênero reafirma a potência das expressões populares como símbolos de resistência e valorização identitária.

As manifestações culturais associadas ao brega e ao brega funk representam, portanto, o florescimento de uma estética própria, nascida da criatividade e da força das comunidades que, apesar da exclusão e da violência, encontram na arte uma forma de existir e resistir. Tal movimento reforça o papel do brega como um movimento cultural do Recife, que ultrapassa fronteiras geográficas e sociais, ampliando o reconhecimento das identidades locais e reafirmando o poder transformador da cultura (Andrade, 2023).

Contudo, pouco mais de 1/3 dos participantes apontaram que o brega pode, em alguns contextos, dificultar a participação social, especialmente devido ao estigma que ainda recai sobre o gênero e seus apreciadores. Essa percepção revela que, embora o brega ocupe um lugar no cotidiano dos jovens pernambucanos, ele ainda é alvo de preconceitos que o associam a expressões consideradas “inferiores” dentro do campo musical. Tal estigma se manifesta não apenas nas práticas sociais, mas também na forma como o gênero é percebido e recebido por diferentes grupos da sociedade (DSC 12 e 13), refletindo uma hierarquização cultural que privilegia produções associadas ao “bom gosto”.

Assim, os jovens que se identificam e consomem o brega acabam, por vezes, tendo seu envolvimento com o gênero tensionado, uma vez que o pertencimento a esse universo pode ser lido como sinal de inadequação a padrões dominantes de

estética e comportamento. Essa compreensão é reforçada por um participante ao afirmar que “*Os estigmas sociais relacionados ao gênero muito contribuem para a desfiliação social (ou seja, o sentimento de pertencer ao todo, mas convicto de que não tem acesso às ocupações que esse todo realiza) de pessoas ouvintes em amplos campos da vida cotidiana: transporte público, emprego, escola e, até mesmo, na família*” (*Participante 50*).

Nesse contexto, o brega se configura como um gênero que enfrenta e se contrapõe aos padrões e expectativas colocados sobre o que é considerado arte e cultura, resistindo às lógicas de legitimação impostas por um campo musical historicamente marcado por disputas de poder e por narrativas que definem o que é ou não considerado válido.

Em Pernambuco, onde coexistem expressões fortemente reconhecidas como é o caso do frevo, o brega ocupa um lugar de resistência e de contestação, justamente por desafiar os limites do que é visto como “aceitável” no panorama musical local. Conforme aponta Soares (2017), o preconceito diante de gêneros musicais não legitimados decorre, em parte, da própria perspectiva de serem considerados “estranhos” dentro de um contexto musical independente e hegemonicamente estruturado (Soares 2017, Oliveira, 2015). Esse preconceito pode repercutir diretamente nas possibilidades de participação dos jovens que se identificam com o brega, já que, muitas vezes, precisam lidar com o julgamento de suas preferências culturais como algo que foge do positivo e acolhido.

Ademais, a aliança formada entre o brega e o funk intensificou essas tensões em torno de sua aceitação, introduzindo novas camadas de estigma e disputa. A entrada dos MCs e das batidas características do funk no cenário recifense trouxe controvérsias que extrapolam o campo sonoro, alcançando dimensões mercadológicas e estéticas. Segundo Soares (2017), essa aproximação incorporou preconceitos já existentes, ao mesmo tempo em que inovou a cena brega, marcada por experimentações que ampliaram sua circulação e o tornaram ainda mais representativo da juventude periférica. Assim, embora o brega funk tenha sido e siga sendo alvo de críticas e estigma, ele também vem colaborando para a consolidação do gênero como um espaço de inovação e de afirmação identitária para a juventude.

Essa condição pode ser explicada como um processo histórico e coletivo, sempre em diálogo com o contexto social em que estão inseridas (Santos, 1987), a cultura, por ser um fenômeno vivo, acompanha transformações sociais e gera novos significados. A partir dessa perspectiva, entende-se por que manifestações como o brega podem ocupar posições ambíguas entre os jovens: ao mesmo tempo em que herdam estigmas relacionados às classes populares, também são ressignificadas e apropriadas como símbolos de identidade, pertencimento e expressão cultural. Essa oscilação entre barreira e aceitação demonstra o caráter dinâmico da cultura e sua capacidade de refletir as disputas e mudanças presentes na sociedade.

Os resultados da pesquisa mostraram que, embora o brega ocupe um lugar de destaque no imaginário e nas práticas culturais dos jovens pernambucanos, o envolvimento direto com atividades relacionadas ao gênero, para além do ato de ouvir música em plataformas digitais, ainda se mostra limitado. A maioria dos participantes (91,7%) relatou não participar de ações específicas ligadas ao brega, como grupos e shows. Essa constatação sugere que o contato entre aqueles que responderam a esta pesquisa com o gênero ocorre majoritariamente em dimensões cotidianas e informais, evidenciando a presença difusa e simbólica do brega na vida desses sujeitos, mais do que uma adesão organizada.

Entre aqueles que relataram envolvimento mais ativo, a dança apareceu como principal forma de participação, revelando a centralidade do corpo e do movimento como meios de expressão e de vínculo com o gênero. Conforme aponta Matias (2024), dançar torna-se uma importante forma de lazer para as juventudes, sobretudo para aquelas que vivem em bairros periféricos e encontram na ocupação dos espaços públicos uma maneira de construir sociabilidade e prazer.

Considerando os fatores discutidos, compreender as relações entre o brega e a juventude pernambucana permitiu ampliar o olhar da Terapia Ocupacional sobre os fatores que influenciam o engajamento, a participação e o sentido das ocupações humanas. A música, a dança e as práticas sociais que emergem desse gênero não se configuram apenas como formas de lazer,

mas como espaços de produção de subjetividades, vínculos e pertencimento, nos quais se manifestam tanto potencialidades quanto barreiras.

Nessa perspectiva, conforme propõe a AOTA (2020), o contexto compõe a base das experiências ocupacionais, sendo determinante para compreender a diversidade de modos de viver e de se engajar nas atividades cotidianas, portanto, reconhecer o brega como parte do contexto cultural desses jovens significa também valorizar os sentidos que os sujeitos atribuem às suas vivências, considerando que as ocupações humanas são influenciadas pelas condições sociais, econômicas e simbólicas em que se desenvolvem e se envolvem.

5. Considerações Finais

Pode-se concluir que, ainda que a adesão “formal” a atividades específicas envolvendo o gênero musical brega seja reduzida, os relatos dos participantes demonstram que o brega exerce um papel afetivo, simbólico e cultural significativo, funcionando como trilha sonora das experiências cotidianas, familiares e sociais. Os resultados destacaram o gênero como fonte de memória, nostalgia e pertencimento, remetendo a lembranças de infância, convívios comunitários e celebrações.

Essas referências afetivas reforçam a compreensão de que o brega ultrapassa o campo do entretenimento e atua como uma forma de mediação que conecta gerações, reafirma origens e possibilita a reconstrução de narrativas sobre o viver nos territórios populares. Nesse sentido, o gênero se consolida como um marcador cultural de resistência e identidade, que traduz modos de ser e estar no mundo, desafiando os estigmas historicamente atribuídos às produções artísticas periféricas e populares.

À luz da Terapia Ocupacional, é possível compreender que o brega se entrelaça de maneira plural e dinâmica às ocupações cotidianas dos jovens pernambucanos. Ele pode se manifestar como uma prática cultural ativa e promotora de saúde, como um recurso expressivo que estimula a socialização e o pertencimento, ou ainda como um espaço de elaboração emocional e resistência frente às adversidades da vida social.

Nessa perspectiva, o gênero musical se revela como parte dos contextos que compõem o construto da vida humana, considerando que o contexto é formado por fatores ambientais e pessoais que influenciam diretamente o desempenho e a participação nas ocupações. Assim, o brega, enquanto expressão cultural e prática social, é também um campo de experimentação de identidades e de ressignificação da própria existência.

Os achados desta pesquisa reafirmam, portanto, a importância de valorizar o brega como uma expressão legítima da cultura popular pernambucana, que resiste, se reinventa e continua a traduzir os afetos, as lutas e as esperanças dos jovens. Mesmo diante dos estigmas e das limitações impostas à sua participação social, o gênero se sustenta como um território de criação, pertencimento e liberdade, um espaço simbólico que revela a potência da arte enquanto veículo de transformação social.

Desse modo, a Terapia Ocupacional pode contribuir para ampliar a compreensão das práticas culturais como mediadoras da vida social, reconhecendo nelas o poder de reconstruir sentidos, fortalecer vínculos e possibilitar novas formas de existir e conviver. Além disso, a própria Terapia Ocupacional pode se enriquecer e se fortalecer ao dialogar com essas manifestações culturais, reconhecendo o brega não apenas como objeto de estudo, mas como ferramenta de aproximação, escuta e intervenção junto a essa juventude. A compreensão de seus significados e funções no cotidiano dos jovens pernambucanos pode auxiliar profissionais da área a desenvolverem práticas e estudos mais contextualizados, sensíveis e coerentes com as realidades socioculturais locais.

Por fim, cabe destacar que esta pesquisa possui limitações, uma vez que os conteúdos e relatos analisados não são suficientes para abranger, em sua totalidade, as percepções sobre o gênero musical brega entre os jovens pernambucanos sob o olhar da Terapia Ocupacional. Ainda assim, este estudo abre caminhos para novas investigações que aprofundem a relação entre arte, cultura e ocupação.

Referências

- Almeida, M. F. (2021). O conceito de lazer: uma análise crítica. *Norus*, 9(16), 206–229.
- American Occupational Therapy Association [AOTA]. (2020). Occupational therapy practice framework: Domain and process (4th ed.). American Journal of Occupational Therapy, 74 (Suppl. 2).
- Andrade, I. C., & Mendonça, F. C. (2025). A interferência da música nas emoções. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 11(6), 3580–3594.
- Andrade, J. (2023). O reconhecimento do brega funk como movimento cultural do Recife: Cultura do movimento popular. *Revista Caboré*, 1(6), 87–95.
- Araújo, P. C. (2013). Eu não sou cachorro não: Música popular cafona e ditadura militar (8^a ed.). Record.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. (2007). Marco legal: Saúde, um direito de adolescentes. Brasília: Editora do Ministério da Saúde.
- Brunello, M. I. B. (1991). Reflexões sobre a influência do fator cultural no processo de atendimento de Terapia Ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 2(1), 30–33.
- Budaz, R. (Org.). (2009). Pesquisa em música no Brasil: Métodos, domínios, perspectivas. ANPPOM.
- Campos, E. A. de., Couto, A. C. P., Barros, C. F. e., & Rezende, F. H. F.. (2021). Lazer, juventude e violência: Uma análise da literatura vigente. *Movimento*, 27, e27047. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.105400>
- Costa, L. G. F. (2017). Todo mundo é brega: Elucidações sobre as dinâmicas urbanas do brega no Recife. *Revista Rural & Urbano*, 2(2), 132–144.
- Dias, E. G., & Mishima, S. M. (2023). Análise temática de dados qualitativos: Uma proposta prática para efetivação. *Revista Sustinere*, 11(1), 402–411.
- Esteves, L. C. G., & Abramovay, M. (2007). Juventude, juventudes: Pelos outros e por elas mesmas. In C. G. Esteves & M. Abramovay (Orgs.), Juventudes: Outros olhares sobre a diversidade (pp. 1–25). Ministério da Educação/UNESCO.
- Fontanella, F. I. (2005). A estética do brega: Cultura de consumo e o corpo nas periferias do Recife [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco]. Repositório UFPE.
- Fraga, P. D. (2007). Juventude e cultura: Identidade, reconhecimento e emancipação. *Revista Espaço Acadêmico*, 7(75).
- Gil, A. C. (2008). Métodos e técnicas de pesquisa social (6^a ed.). Atlas.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2022). Censo Demográfico 2022: Resultados preliminares. <https://www.ibge.gov.br>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2024). Panorama do Brasil – Pernambuco. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/panorama>
- Lavacca, A. B., & Silva, C. R. (2023). Terapia ocupacional e cultura: Dimensões em diálogo. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 31, e3455.
- Lanna, P. A. A., & Calais, L. B. (2020). Cidades, territórios e juventudes: Práticas e sentidos sobre pertencimento, juventude e periferia. *Revista Psicologia Política*, 20(48), 402–416.
- Lefevre, F., Lefevre, A. M. C., & Marques, M. C. C. (2009). Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4), 1197–1206.
- Lefevre, F., & Lefevre, A. M. C. (2014). Discurso do sujeito coletivo: Representações sociais e intervenções comunicativas. *Texto & Contexto Enfermagem*, 23(2), 502–507.
- Machado, J. R. F. (2023). Metodologias de pesquisa: um diálogo quantitativo, qualitativo e quali-quantitativo. *Devir Educação*, 7(1), e-697. <https://doi.org/10.30905/rde.v7i1.697>
- Matias, M. C. (2021). Na batida do brega funk: As batalhas de passinho em João Pessoa/PB [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório UFPB.
- Melo, M. (2023, fevereiro 12). Brega | Esse som é massa: Uma história ritmada de Pernambuco [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=NcSPIKJJ3z4&t=824s>
- Nunes, D. H., Siqueira, D. P., & Gonçalves, T. F. (2019). O direito social ao lazer na transformação de estados constitucionais. *Revista Húmus*, 9(25). <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/10403>
- Oliveira, A. L., Vieira, C. C., & Amaral, M. A. F. (2021). O questionário online na investigação em educação: Reflexões epistemológicas, metodológicas e éticas. In A. Nobre, A. Mouraz, & M. Duarte (Orgs.), Portas que o digital abriu na investigação em educação (pp. 39–67). Universidade Aberta.
- Oliveira, C. N. (2015). O tecnobrega é pop: cosmopolitismo, crítica musical e valor na música popular periférica. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Pernambuco, <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34221>.
- Peruzzo, C. F. B., Pfeifer, L. I., & Martinez, C. M. S. (2025). Autopercepção de jovens residentes no Brasil sobre suas atividades de lazer. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 28(2), 1–20.

Recife (PE). Câmara Municipal do Recife. Lei municipal Nº 18.807, de 29 de junho de 2021. Declara Patrimônio Cultural Imaterial do Município do Recife o "Movimento Brega". <https://dome.recife.pe.gov.br/dome/pdfviewer.php>

Risemberg, R. I. C., Wakin, M., & Shitsuka, R. (2026). A importância da metodologia científica no desenvolvimento de artigos científicos. E-Acadêmica, 7(1), e0171675. <https://doi.org/10.52076/eacad-v7i1.675>

Santos, J. L. dos. (1987). O que é cultura (6^a ed.). Brasiliense.

Setton, M. da G. J. (2002). Família, escola e mídia: Um campo com novas configurações. Educação e Pesquisa, 28(1), 107–116.

Silva, A. C. C, Oliver, F. C. (2024) Participação social: teoria e prática na formação graduada em Terapia Ocupacional. Interface (Botucatu). 28: e240179 1/18 <https://doi.org/10.1590/interface.240179>

Silva Júnior, A. O., Félix, J., & Araújo, A. C. (2021). “O bagulho ficou sério!” Representações de gênero no brega recifense. Revista Teias, 22(65), 447–460.

Silvestrini, M. S., Silva, C. R., & Prado, A. C. S. A. (2019). Terapia ocupacional e cultura: Dimensões ético-políticas e resistências. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, 27(4), 929–940.

Soares, T. (2017). “Ninguém é perfeito e a vida é assim”: A música brega em Pernambuco. Editora Outros Críticos.

Souza, J. (2004). Educação musical e práticas sociais. Revista da ABEM, 10, 7–11.

Trindade, D. R. da, Santos, T. N. dos, Leal, D. C. de S. G., & Silva, P. T. da. (2023). Tempos e práticas de lazer das jovens de Mutá-Guanambi-BA: A espera pelo fim de semana. Revista ComCiência - Multidisciplinar, 8(11), 174–191.

Wazlawick, P. (2006). Vivências em contextos coletivos e singulares onde a música entra em ressonância com as emoções. Psicologia Argumento, 24(47), 73–83.